

O significado do trabalho na aposentadoria gerencial feminina

Adriana Ventola Marra^(*)
Talita Rafaela Oliveira Silva^(**)
Karen Marinho Valadares^(***)

Resumo

Este estudo analisou, a partir do envelhecimento, o significado do trabalho para mulheres maduras aposentadas que ocupavam cargos gerenciais. Em pesquisa qualitativa e exploratória, percebeu-se a centralidade do trabalho e que a realização de atividades físicas e do trabalho voluntário significa distanciarem-se do envelhecimento e da morte.

Palavras chaves: Significado do Trabalho. Envelhecimento. Gênero. Aposentadoria.

The meaning of work in female management retirement

Abstract

This study analyzed, from the aging, the meaning of the work for retired mature women who occupied managerial positions. In qualitative and exploratory research, the centrality of work was perceived, and that physical activities and voluntary work meant distancing oneself from aging and death.

Keywords: Meaning of Work. Aging. Genre. Retirement.

As mulheres que passaram a ingressar o mercado de trabalho, a partir dos anos de 1970, enfrentam agora uma nova fase de suas vidas: o fenômeno da aposentadoria. Independentemente do sexo, da classe social, da renda e até mesmo da função que ocupava “a aposentadoria é tida como um momento marcante na vida de qualquer profissional” (MARRA, 2013, p.2). A aposentadoria é esperada e tem significados distintos para os indivíduos que durante anos dedicaram-se ao trabalho (MARRA, 2013).

A centralidade do trabalho na vida das pessoas é tomada como pressuposto teórico neste artigo. O trabalho vai além de ser fonte de sustento, é uma forma de se ter uma ocupação, e de o indivíduo se sentir como parte integrante de um grupo (TOLFO; PICCININI, 2007). Além de ser um meio de se

(*) Doutora em Administração. Professora da Universidade Federal de Viçosa. Campus de Floresta. E-mail: aventola@ufv.br.

(**) Universidade Federal de Viçosa. Bacharel em Administração. Bolsista de Iniciação Científica. E-mail: talita.rafaela@ufv.br.

(***) Universidade Federal de Viçosa. Bacharel em Administração. Bolsista de Iniciação Científica. E-mail: karen.valadares@ufv.br.

“relacionar com outras pessoas, para ter algo que fazer, para evitar o tédio e para se ter um objetivo da vida” (MORIN, 2001, p.9).

O aumento da expectativa de vida, e do real envelhecimento da população brasileira (IBGE, 2015) causa o interesse de descobrir a relação entre envelhecimento e significado do trabalho partindo da perspectiva de mulheres maduras que ocupavam cargos gerenciais no período pós-aposentadoria

A relação “casa x trabalho” acaba impactando negativamente a mulher, tendendo a ser mais conflituosa, gerando estresse e angústia por não terem tempo de se dedicar à casa. Entretanto, mesmo em casa ela não consegue desvincular das preocupações inerentes ao trabalho. (LIMA *et. al.* 2013). Em se tratando de mulheres gerentes, cargos caracterizados por grande envolvimento com a organização, essa situação se agrava. Assim sendo, o objetivo do presente estudo foi compreender o significado do trabalho para mulheres maduras aposentadas que ocupavam cargos gerenciais.

.O presente artigo encontra-se assim estruturado: iniciou-se com esta sucinta introdução,. O segundo ponto constitui o referencial teórico apresentando conceitos relacionados ao significado do trabalho, envelhecimento e aposentadoria de funções gerenciais. O terceiro engloba os procedimentos metodológicos utilizados. No quarto foi feita a análise dos dados e discussão dos resultados. A seção seguinte traz as considerações finais da pesquisa.

Referencial teórico

Significado do trabalho

O trabalho pode significar várias coisas para diferentes sujeitos. O trabalho, ao mesmo tempo em que oferece ao indivíduo uma renda, fundamental para a sobrevivência e a obtenção de *status*, oferece também rotinas, organiza o tempo, estabelece relacionamentos e oferece aos indivíduos um senso de pertencimento a projetos de valor e reconhecimentos sociais. (BENDASSOLI, 2006). Dejours (2004, p. 28) afirma que o trabalho “é aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, saber-fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e reagir a situações”. Assim, em um primeiro momento, trabalho não se refere à relação salarial ou o emprego, e sim ao “trabalhar, isto é, certo modo de engajamento da personalidade para responder a uma tarefa delimitada por pressões” (DEJOURS, 2004, p.28)

Segundo Kubo, Gouvêa e Mantovani (2013), após a introdução do modo capitalista de produção, a partir do século XIX, difundiu-se a ideia de que a riqueza de um país dependia, efetivamente, do trabalho. Este trabalho se transformou em um elemento fundamentalmente integrador

da sociedade. Nesta mesma perspectiva, Marra (2013) afirma existir um relativo consenso de que o trabalho constitui-se num traço específico dos seres humanos, estruturando assim, a vida em sociedade.

Para reforçar a centralidade do trabalho, Bendassoli (2006), ao falar sobre a perspectiva do não-trabalho, considera que essa passa a ser associada a possíveis desequilíbrios psíquicos, depressão, dificuldade de determinar a autoimagem e outros transtornos similares. Dejours (2004) afirma que o indivíduo que não faz nada e se mantém em inatividade quase total, geralmente apresenta sinais, do ponto de vista psiquiátrico, de que ele está doente.

Significado do trabalho, de acordo com Tolfo e Piccinini (2007) é a representação social que a tarefa executada tem para o trabalhador, seja individual, para o grupo ou social. O individual refere-se a identificação do sujeito com o seu trabalho. A representação de grupo é o sentimento de pertencimento a uma classe. E a representação do social está associada à ao sentimento de realizar um trabalho que contribua para a sociedade.

Woodward (2008), ao pesquisar mulheres americanas de baixa classe social, ressalta que o significado do trabalho como além de uma fonte de renda, mas também como meio de dar segurança a sua família, alcançar aspirações pessoais e representar uma responsabilidade cívica. Souza (2014), em estudo com mulheres de diferentes idades de empresas privadas, aponta que a busca da mulher pelo trabalho fora do lar é uma forma de garantir independência, o sustento próprio e da família além de ser fonte de satisfação, realização pessoal e bem estar.

Envelhecimento e aposentadoria

O aumento da população idosa é um dos fenômenos mais notáveis nos últimos tempos, e vem ocorrendo tanto nos países centrais quanto nos periféricos (FRANÇA *et al*, 2013). Uma das maiores conquistas sociais da segunda metade do século XX em quase todo o mundo em desenvolvimento, de acordo com Camarano e Kanso (2009), foi a redução da mortalidade em todas as idades, resultando no aumento da esperança de vida e o alcance de cada vez mais pessoas às idades avançadas.. As projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015) mostram que a esperança de vida do brasileiro vem aumentando a cada ano que passa. Em 2016, a expectativa de vida das mulheres era de 79,31 enquanto a dos homens 72,18 anos. As projeções do IBGE para os próximos quinze anos sinalizam um crescimento da expectativa de vida média do brasileiro, passando para 78,64 anos em 2030.

Envelhecer no século XXI não é o que era no século XX (MARRA *et. al*. 2013). Olhar para as representações sobre a velhice no Brasil da década de 90, segundo Debert (1999) é atestar a presença

dos dramas que se expressam, sobretudo nas imagens de idosos abandonados nos asilos ou em filas monumentais à espera do dinheiro minguado da aposentadoria. Entretanto, segundo a autora, abordar a velhice na experiência contemporânea é descrever um contexto em que as imagens e os espaços abertos para uma velhice bem sucedida não levam a uma atitude mais tolerante com os velhos, mas sim, a um compromisso com um tipo determinado de envelhecimento positivo.

Presencia-se atualmente, uma proliferação de etapas intermediárias de envelhecimento: “meia-idade”, “terceira idade”, “aposentadoria ativa”. Cada uma dessas etapas indica fases propícias para a realização de sonhos adiados em momentos anteriores. Debert (1999) afirma que foi criada uma nova linguagem para referir-se às antigas formas de tratamento dos velhos e aposentados. A terceira idade substitui a velhice, a aposentadoria ativa se opõe a aposentadoria e o asilo passa a ser chamado centro residencial. Os signos da velhice são invertidos e assumem novas designações: “nova juventude” e “idade do lazer”. Da mesma forma que os signos da aposentadoria deixam de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade e lazer (DEBERT, 1999).

Estudos de Bastistoni e Nambi (2010) também remetem o conceito de idade subjetiva. “A idade biológica é o indicador do tempo que resta a um indivíduo para viver” (BATISTONI; NAMBI, 2010, p.734). Assim, a idade social está associada ao senso subjetivo de cada sujeito, dependendo da avaliação da presença ou ausência de marcadores biológicos, sociais e psicológicos do envelhecimento em comparação com outras pessoas da sua idade (DEBERT, 1999; BATISTONI; NAMBI, 2010).

No que se refere às questões de gênero, Figueiredo *et al* (2007) afirmam que estas são mais discutidas na faixa etária em que homens e mulheres estão no período reprodutivo. Na velhice, ocorre certa negação em relação ao gênero, mascarando perdas e ganhos trazidos pela velhice. Entretanto, a pesquisa desses autores revelou que os processos de envelhecimento feminino e masculino ocorrem de forma diferente e contraditória. As mulheres demonstram maiores adaptações às perdas físicas, sociais e emocionais e se sentem mais autônomas e livres, enquanto a velhice amedronta os homens ao significar dependência e finitude (FIGUEIREDO *et al* 2007; FERNANDES; GARCIA, 2010).

Atualmente, ocorre um fenômeno da ressignificação da feminilidade na terceira idade. “Não cabe mais a personificação da mulher idosa com um coque no alto da cabeça, fazendo crochê ou tricô, na cadeira de balanço, na varanda de sua casa” (RODRIGUES; JUSTO, 2009, p.172). Figueiredo *et al* (2007) mostram que a mulher idosa consegue ser mais resistente e solidária, além de buscar informações para o autocuidado e incorporação de atitudes saudáveis, possibilitando envelhecimento com mais qualidade de vida e felicidade. Na vertente sociológica feminista, a mulher sofre, de acordo com os estudos de Bastisoni e Namba (2010, p. 737), “um duplo parâmetro de envelhecimento”, tendo

que lidar com o fato de “ser idosa” e “ser mulher”. Dessa maneira, há uma tendência de valorizar a própria jovialidade mais do que os homens fazem.

Ainda nesse sentido, buscando as diferenças nas representações sobre velhice em relação à gênero, Motta (2015) declara que a autoafirmação no cotidiano é a primeira forma de diferenciação da velhice segundo os gêneros e as classe sociais. A autora afirma que as mulheres, voltadas, desde o início, à domesticidade e ao cotidiano permanecem mais ativas e se reconhecem assim, declarando-se vigorosas, saudáveis e independentes.

Com a representação sobre a velhice vem também a da aposentadoria. Até o final da década de 1980, a aposentadoria era tida como uma morte social. (GUILLERMARD, 2002). Neste mesmo sentido, Carvalho *et. al.* (2013) reconhecem que a palavra aposentadoria remete à uma imagem negativa, podendo ser entendida como “por a parte, de lado”, e entendida também no sentido de inutilidade. Fontoura *et. al.* (2014) questionam as implicações da saída do mundo do trabalho, caracterizada como uma marca relevante na vida das pessoas, que impacta na organização temporal da vida, na autoimagem e nas relações sociais. “Reorganizar a vida, após a saída do mundo de trabalho, envolve questionamentos, enfrentamentos, exige processos de aprendizagem, de adaptação a um novo estilo de vida e enseja certa contradição: por um lado desejada, por outro, temida” (FONTOURA; DOLL; OLIVEIRA, 2014, p. 06)

Neste reorganizar a vida, muitos aposentados desenvolvem com mais frequência novas carreiras e/ou atividades voltadas para o trabalho voluntário, lazer e cuidado com a própria saúde (GUILLERMARD 2002). Assim, Debert (1999, p.79) afirma que “a tendência contemporânea é a de se contrapor à representação do envelhecimento como um processo de perdas, promovendo a dissolução em vários estágios”. Esses estágios passam a ser tratados como recomeços e oportunidades de exploração de novas identidades.

Procedimentos metodológicos

Para atingir o objetivo de compreender o significado do trabalho para mulheres maduras que ocupavam cargos gerenciais após se aposentarem, fez-se necessário entender a construção dos sentidos e significados a partir das interações sociais. Assim, realizou-se uma pesquisa qualitativa descritiva, ressaltando a natureza socialmente construída da realidade (DENZIN; LINCOLN, 2006).

O universo da pesquisa foi composto por ex-gerentes aposentadas. Foram realizadas 14 entrevistas semiestruturadas, a partir da técnica de bola de neve e critérios de acessibilidade. Para a delimitação do número de entrevistas foi utilizado o critério de saturação de dados (GODOI *et.*

al.,2006). O roteiro de entrevistas abordou questões acerca das trajetórias profissionais e pessoais das entrevistadas, do significado do trabalho para cada uma delas, além das percepções das mesmas sobre envelhecimento. O tempo médio de cada entrevista foi de uma hora e meia, gravadas com a permissão prévia das entrevistadas. Com esta finalidade, no início das entrevistas foi lido o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” para participar da pesquisa. Posteriormente as entrevistas foram transcritas na íntegra, respeitando o modo de falar e o vocabulário das entrevistadas.

As mulheres entrevistadas foram codificadas com nomes fictícios. Quanto ao perfil, como idade, estado civil, número de filhos e o último cargo exercido por cada uma, tem-se que o mesmo número de entrevistadas se encontravam na faixa etária de 50 à 59 anos (6), assim como de 60 à 69 anos (6), e duas de 70 à 79 anos. Levando em consideração o estado civil, nove eram casadas e cinco solteiras. Em relação ao número de filhos, todas as casadas possuíam pelo menos um filho.

Analisando o último cargo, cinco ocupavam a gerência de instituições financeiras, quatro eram diretoras de escolas, três eram gerentes de lojas, uma era supervisora de escola e outra era gerente de instituição pública.

A análise dos dados foi feita a partir da Análise de Discurso (AD). De acordo com Souza e Carrieri (2014) a AD tem sido considerada uma fonte robusta de elementos metodológicos para respaldar análises qualitativas que buscam evidenciar processos de construção de sentido em dados contextos sociais e organizacionais. Dessa maneira, foram utilizados os seguintes elementos do enunciado nas análises: seleção lexical: (a escolha do vocabulário), temas (assuntos tratados ou silenciados durante o discurso), personagens (pessoas criadas e citadas pelo enunciador), implícitos e explícitos (informação está envolvida no contexto do discurso, mas não está dita são implícitas) (MARRA e BRITO, 2011).

Análise e Discussão dos resultados

Trajetória profissional

A primeira etapa da análise consistiu em identificar as trajetórias profissionais das entrevistadas. Reconhecendo que o modo como cada sujeito vivencia a aposentadoria, vincula-se à sua história de vida, suas interações com o mundo, experiências vividas e também a relação referente à condição espaço-temporal do indivíduo.

Cada uma das entrevistadas seguiu sua própria trajetória fazendo suas escolhas, voluntariamente ou devido às circunstâncias vividas. Aos poucos as carreiras foram tomando formas

e a vida encaminhando para o ponto que se encontra atualmente. É interessante ressaltar que ao abordar alguns assuntos, apesar da fala ser tranquila, elas demonstraram grande emoção, como no caso da entrevistada Nicole, quando relatou seu estado civil. Houve uma pausa e certa emoção. Posteriormente ela voltou a falar, porém colocando a decisão de ficar solteira como algo de escolha própria.

E quando eu começava a namorar e via que a coisa ia ficar seria eu pensava assim “Ah meu Deus do céu, **vai me prender...**”, aí eu dava um jeito de sair. Então **eu não casei mesmo por opção, pra não perder as oportunidades** [...] Então eu acho que isso ocupou tanto a minha vida que eu falei que **não poderia ter nem marido nem filhos**, por que ou eu ou eles, um ia ficar no prejuízo (risos). (NICOLE)

Apesar de Nicole afirmar, através do seu enunciado que não se casou por uma opção própria, ela faz uso do verbo "poderia", ou seja, é como se ela tivesse que fazer uma opção entre a carreira ou a família. Como se um fosse excluído automaticamente ao se escolher o outro. Trata-se de uma construção social imposta à mulher no dilema carreira x família. E ainda sofrem a questão da falta de equilíbrio entre sua vida pessoal e profissional, não conseguindo ter este equilíbrio como fazem os homens, por causa de seu relógio biológico e ainda devido aos papéis socialmente impostos à mulher.

Todas as entrevistadas têm ensino médio completo, oito possuem curso superior e apenas uma delas possui pós-graduação. Algumas tiveram dificuldades, para se formar, podendo concluir os estudos somente tempos depois do que seria o prazo regular. No caso de Valentina, a formação superior veio somente aos 54 anos de idade. A seguir aparecem alguns enunciados sobre este momento de suas vidas.

Bom, no início foi por que **na minha época** mulher não podia fazer muita coisa, só tinha o curso de magistério.(VALENTINA)

Era o **sonho do meu pai**, que na família tinha que ter uma professora. Na cabeça dele. (...) E na **época** que eu estudei a gente **não tinha muita opção de curso**. (LAURA)

Todas as minhas irmãs fizeram faculdade e eu não fiz, porque **na época** meu pai não podia **pagar** para mim (...) Quando casei aí eu podia fazer, aí meu **marido não queria** que eu trabalhasse imagina estudar e trabalhar? Então eu optei por só trabalhar. (HELENA)

O termo comum “época” utilizado nos três enunciados foi escolhido para se referir a um tempo diferente da atualidade caracterizado pela dificuldade de acesso também associado a questões financeiras, falta de opções e um período quando as mulheres tinham menos condições dentro do mercado de trabalho. Helena afirma que não estudou por questões financeiras. Entretanto, quando possuía condições para estudar, o dilema vivenciado por muitas mulheres “estudo x trabalho x casa” e que a levou a escolher o trabalho e a casa. Sua fala a leva a questionar os padrões sociais que exaltam

a mulher ideal como do lar. Se ela decidisse estudar e trabalhar não teria reconhecimento. Outro fator interessante é o pai como figura de autoridade e respeito. O enunciado de Laura revela que as vontades dos pais prevaleceram sobre suas vontades próprias, por ter abdicado de seus sonhos em função dos sonhos do pai, ou para cuidar dele em momentos de doença. Nesse mesmo sentido e ainda considerado um fator relevante, percebe-se a existência do senso moral de que as atividades que derivam do ato de cuidar tendem a ser atribuídas às mulheres. (GUEDES, DAROS 2009).

É interessante ressaltar que as entrevistadas deram ênfase às dificuldades enfrentadas por elas no início da carreira. As histórias tristes reforçam as trajetórias de sucesso que elas tiveram. O interdiscurso é que apesar de todas as dificuldades, dos caminhos que elas não puderam trilhar, elas conseguiram alcançar objetivos e mais do que isso, conseguiram ser reconhecidas por sua carreira, o que poderá ser percebido em alguns temas futuros. E apesar de contarem momentos tristes de dificuldades, as continuações de suas histórias são alegres e bem sucedidas na maioria das vezes, o sucesso, as promoções, a felicidade aparecem nos discursos delas.

Primeiro a gente ia pra zona rural e depois que conseguia transferência para a cidade. (...) Então foi uma vida muito **difícil** porque quando eu trabalhava no Carioca (zona rural) **não** tinha condução, eu ia segunda e voltava sexta. (...) E quando eu consegui vir para Pará de Minas foi **ótimo** (...) podia almoçar em casa. (VITÓRIA)

E o gerente gostou muito do meu trabalho (...) e eu **fui promovida a chefe**. Então com três meses de banco eu já era chefe de seção. Então muito antes de aposentar eu **já tava na letra H** (atingiu o cargo máximo) E depois, é uns cinco anos antes de aposentar no banco, eu montei a (minha empresa), e a empresa tá aí até hoje **vai fazer 25 anos, vai fazer 25 anos**. E cinco anos antes de aposentar (...) eu fui **diretora administrativa** lá até o final de 2013. (ALICE)

Vitória e Alice ressaltam a trajetória ascendente. Vitória evidencia as dificuldades do início da carreira quando trabalhava na zona rural. No momento em que foi transferida para a cidade ela utiliza o vocábulo *ótimo* deixando claro que atingira o que existia de melhor. Vitória ainda deixa explícito que neste período ficava a semana inteira fora de casa. Um fato curioso é que esta entrevistada é solteira e não tem filhos. Não foi encontrado no relato das casadas, o afastamento de casa por motivos profissionais, haja vista o senso comum do gênero feminino como cuidadora do lar. O fato de conseguir almoçar em casa é visto como uma conquista para Vitória. Alice evidencia ainda o tempo da sua empresa através da repetição da expressão "vai fazer 25 anos", por este recurso ela deixa implícito que suas realizações foram duradouras.

Após falarem das escolhas iniciais e da construção de suas carreiras, se referiam aos feitos durante a carreira. No trecho a seguir, está realçado alguns momentos das carreiras, quando relatam o sucesso momentâneo ou de sua trajetória de modo geral.

Ah, eu sou muito tranquila e feliz, por que tem aquele pensamento bonito de São Paulo que diz “**Combati o bom combate e venci tudo que eu queria**”, então eu olho pra trás e tenho a felicidade de ver o (parque municipal), a casa de cultura, a escola... E isso me enche de uma felicidade e me faz ter uma auto avaliação de alegria, **de ter conseguido realizar tudo que eu queria**. (YASMIN)

Yasmin usa a citação de uma personagem para reafirmar sua fala “ter conseguido realizar tudo que eu queria”. Ela se sente realizada com feitos que não foram voltados para si e sim em causa de um bem maior, neste caso para toda uma cidade. O sucesso ressaltado nos momentos de vitória, de realizações e de ascensão das carreiras, não aparece apenas em suas trajetórias, elas se colocam também como responsáveis pelo sucesso de outras pessoas. E se sentem vaidosas com isso.

Foi muito bonito ver um aluno que passou na mão da gente subir no pódio pra receber uma medalha a nível mundial, sabe que eu acho que não tem emoção maior não! A ponto de a gente ficar tremendo e perder a voz, **é incrível**, é muito bacana! (VALENTINA)

Valentina atribui a premiação do aluno como parte do seu próprio sucesso, o resultado que ela teve ao gerenciar. De forma geral, todas entrevistadas ressaltam o legado que deixaram em suas trajetórias profissionais e os preservam mesmo depois de aposentadas. Tal movimento, faz parte da tentativa de um processo de imortalização revivido por histórias de sucesso (MARRA, 2013).

Significado do trabalho

Quando questionadas sobre o significado do trabalho, as respostas tenderam a um significado positivo, uma vez que veem o trabalho como meio de conseguir e realizar suas vontades e desejos, além do sentido de ocupação e obtenção de ganhos individuais e sociais. O principal significado manifesto no discurso das entrevistadas foi o trabalho como a realização de uma atividade prazerosa. Pode-se afirmar que expressaram sentimentos positivos, relacionando o trabalho com uma fonte de prazer, traduzindo a sensação de satisfação pelo fato de ocuparem e realizarem determinadas funções. Ou seja, o discurso converge para a ideia do trabalho associado a algo bom que permite realizar, além de trazer felicidade por estar preenchendo suas vidas. Algumas entrevistadas demonstram esse ponto de vista afirmando que o sentido da vida é dado pelo ato de trabalhar.

Quando eu estava trabalhando eu estava **realizando**, né? (...) Eu não reclamo de ir pro tanque e pra cozinha porque eu sei que aquilo ali eu **também “tô” realizando**. (LAURA)

O fato de trabalhar proporciona realização para Laura assim como para a maioria das entrevistadas. Laura utiliza o verbo *realizando* para descrever e comprovar a própria existência enquanto estava trabalhando. Após aposentar, Laura dedicou-se a tarefas domésticas e alguns trabalhos voluntários na igreja. Apesar de o trabalho revelar a sua existência, ela volta a assegurar sua condição humana ao usar o advérbio *também* indicando comparação com o momento que trabalhava fora de casa.

De acordo com Tolfo e Piccinini (2007) etimologicamente a palavra sentido remete à percepção, significado e sua origem está associada à ocorrência de processos psicológicos básicos, também associada ao sentir e ao saber de alguém sobre determinado assunto. Nesse contexto, no qual cada pessoa atribui um sentido diferente às diversas coisas, a entrevistada optou por usar um vocabulário que não exige de todas as pessoas ter essa mesma percepção do trabalho, uma vez que não generalizou e tratou a resposta como uma indagação. Esta indagação é observada através da seleção lexical *não é?*

Eu acho que o trabalho **ocupa a mente**. Mente ocupada é a **melhor** coisa que a gente tem.(...) Ocupada com **coisas boas né?** (BEATRIZ)

A **mamãe** tinha um pensamento tão bonito sobre o trabalho. Ela dizia que o trabalho é o **remédio** para as horas de tédio. E é **mesmo**. (...) Não deixa tempo para a **ociosidade**, não te deixa fazer ou pensar coisa ruim (YASMIN)

A ocupação trazida pelo trabalho é percebida como algo vantajoso. De acordo com Beatriz, o trabalho proporciona uma mente ocupada. Além disso, o uso dos vocábulos *melhor* mostra que ela percebe o trabalho como algo superior a bom. Nesse mesmo sentido, Yasmim utiliza o vocábulo *remédio*, ou seja, algo que resolve uma situação desagradável e capaz de proporcionar a cura. Na percepção das entrevistadas, manter-se ocupadas com o trabalho tornam as pessoas objetivas, sem tempo para coisas inúteis.

É interessante que Yasmim, antes de definir o significado do trabalho, relembra deste significado para sua mãe. Ou seja, utiliza da estratégia de criação de personagens, para reafirmar categoricamente sua ideologia de significado do trabalho. O advérbio *mesmo* utilizado pela entrevistada está associado ao fato de que ela concorda com a visão da mãe, que o trabalho é exatamente, um remédio para as horas de tédio. Seguindo essa mesma linha, o trabalho pode ser visto como preenchimento da vida, no sentido de complementar a felicidade.

E também preencher mesmo. **Temos** que **preencher** a vida da gente. (SOFIA)

Nossa Senhora, eu acho que nós temos muitas lacunas em nós que **precisam** ser **preenchidas**. (...) E uma delas é o trabalho. (ALICE)

Um ponto de destaque é o interdiscurso religioso do trabalho, observado na expressão *Nossa Senhora*, referida por Alice. Tanto Alice quanto Sofia, antes de usarem o verbo *preencher* utilizam as seleções lexicais *temos e precisam* remetendo a necessidade e o dever de se manter totalmente ocupado. Esse preenchimento é complementado pelo ato de trabalhar.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, o trabalho também foi lembrado como meio de trazer alegria por se ver resultados ao realizá-lo. Isso está relacionado à dimensão organizacional e social. Segundo Tolfo e Piccinini (2007) para o trabalho fazer sentido ele deve ser útil. Ou seja, através dele, deve-se alcançar resultados e valor não somente para a empresa como também para o grupo.

Porque a gente fica feliz em produzir, né? Ver o **resultado** do trabalho (SOFIA)

A satisfação trazida pelos frutos do trabalho é percebida nos enunciados de todas as entrevistadas. Sofia demonstra o contentamento em produzir e ver resultados utilizando a expressão *ficar feliz*. Ela ainda completa utilizando o advérbio *muito*, remetendo à abundância, antes de defini-lo como gratificante.

Outro sentido expresso do trabalho é a questão financeira. As entrevistadas recordaram o monetário trazido pela recompensa do trabalho, ao retratarem e se definirem como independentes financeiramente. É notável, que nesse momento elas não falam mais das dificuldades financeiras enfrentadas no início da carreira.

O trabalho pra mim é **independência**. Não dependo do meu marido, não dependo dos meus irmãos. Dependo do meu trabalho. (ALICE)

Pagar suas próprias contas, ter liberdade e não estar submissa à alguém é reconhecido como positivo pelas entrevistadas. No enunciado de Alice, fica claro, uma vez que ela deixa explícita a não dependência e não subordinação à outras pessoas. Somente a si mesmo e a seu trabalho.

Por não estarem realizando mais suas funções, as relações sociais e a interação proporcionada pelo trabalho fez com que essas mulheres sentissem falta da troca de experiências e convívio social. Valentina evidencia as relações sociais que o trabalho proporciona. Após não exercerem mais funções gerenciais e perderem o contato com outras pessoas, a realidade de aposentada deixa as entrevistadas com saudade dos momentos vivenciados

O trabalho te permite essa **troca** de experiências. É aprender novas coisas na prática, ter uma conversa com alguém. Haver trocas. (VALENTINA)

Sinto falta dos **amigos**. Todo dia a gente trabalhava quase oito horas juntos. E agora a gente quase não se vê. (SOFIA)

Sofia explicita a relação próxima ao considerar as pessoas que trabalhavam com ela como *amigos*. Valentina, que anteriormente afirmou que o significado do trabalho é dado pela troca de experiências, também deixa explícita a falta desse contato.

Além de o trabalho poder significar e revelar a própria existência humana existe a noção moral-disciplinar. Bendassoli (2006) afirma que essa noção está associada ao cumprimento do dever e da responsabilidade de trabalhar. Assim, o reconhecimento social e pessoal dignifica o sujeito e o torna “válido” ou fica “em paz” consigo mesmo. A dignidade trazida pela realização do trabalho é percebida e revelada por algumas entrevistadas nos seguintes trechos:

Aquela antiga frase que o trabalho **dignifica** o homem, eu acho muito certa. (SOFIA)

O trabalho é uma **honra** para cada um de nós. (REBECA)

É a nobreza de realizar o trabalho que confere ao indivíduo o sentimento de honra. Ou seja, o faz sentir virtuoso e merecedor de respeito. Ficou implícito no discurso de Rebeca, através do uso da expressão *cada um de nós* remeter aos trabalhadores, isto é cada um de nós que trabalha. Se o trabalho traz honra e dignifica, ele também é considerado como “tudo”. Levando em consideração que hoje estas mulheres não estão mais ocupando seus antigos cargos, elas não conseguem enxergar o fato do não-trabalho como algo associado a própria morte. Dessa maneira, não são encontrados em seus discursos aspectos negativos relacionados ao significado do trabalho para elas.

Trabalho é **tudo**, é **tudo**. (LAURA)

O trabalho é **tudo** na sua vida. (HELENA)

A repetição da palavra *tudo* confirma a própria existência dessas mulheres fundamentadas no trabalho que exerciam. Assim, após passar tanto tempo ocupando cargos gerenciais, essas mulheres buscam outras opções de trabalho, assumindo novas funções baseadas na sua trajetória profissional.

Agora eu **administro** a casa. (REBECA)

Agora sou **voluntária chefe** da sociedade São Vicente, onde eu ajudo muito, tem que atender todos os necessitados. (SARA)

Ao sair do cargo de gerência, acabaram encontrando outras opções de manter o reconhecimento da sociedade sem perder a postura gerencial. Rebeca, apesar de optar pelo trabalho em casa, utiliza o verbo *administrar*, característico de uma pessoa que possui autoridade máxima. Sara participa de trabalhos voluntários, porém deixa claro que assume funções importantes. Sara utiliza da expressão

voluntária chefe. De acordo com Marra (2013) trata-se de uma estratégia de manutenção mínima do *status* associado às funções gerenciais. Ou seja, o trabalho voluntário é recorrido como forma de continuar exercendo o poder. Entretanto, faz-se necessário que o trabalho voluntário esteja associado a funções com reconhecimento e destaque social. Ainda segundo Marra (2013) o exercício do poder acaba sendo visto como substituto às consequências do envelhecimento.

Envelhecimento e aposentadoria

O momento de parada, ou seja, a saída da função gerencial exigiu dessas mulheres certa preparação. Seus enunciados revelaram que foi necessário adaptar-se a nova rotina e aos novos papéis sociais assumidos. Debert (1994) afirma que a perspectiva da velhice e da aposentadoria é experimentada de um lado pela perda de poder e valor e de outro pela oportunidade de assumir novas identidades e realizar projetos abandonados em outras etapas da vida.

As entrevistadas relataram como foi feita a preparação para a velhice e para a aposentadoria. O discurso delas revela que a realidade muitas vezes não era compatível com o imaginário esperado por elas no momento da velhice. Na visão de Marra *et al* (2011) o envelhecimento e o processo de se passar da fase do trabalho para a aposentadoria pode ser considerado um momento tanto negativo quanto positivo, assumindo diferentes sentidos para cada indivíduo. A subjetividade é modificada, a partir da alteração do imaginário. O que acontece é que muitas vezes as atividades que se esperava realizar na aposentadoria, o cotidiano almejado, nem sempre acontece, podendo trazer então a aposentadoria como algo negativo, isso por ser referente também à sensação de invalidez ou ainda de regressão para a situação de dependência.

No fundo, no fundo você fala assim: quando eu aposentar quero viajar, quero fazer **isso**, quero fazer **aquilo**. Ai a gente tem os detalhes (...) Você cai em um problema: você quer viajar mas seu marido não pode, suas amigas estão trabalhando. (BEATRIZ)

Eu imaginava assim (pausa). Que eu teria muito tempo para fazer o que quisesse. **Mas** parece que o tempo fica pouco para tanta coisa que a gente tem que fazer” (SOFIA)

Os pronomes demonstrativos *isso*, *aquilo* discursados por Beatriz estão associados às várias atividades planejadas. A entrevistada escolheu utilizar esses pronomes para substituir e não enumerar as atividades planejadas e que por circunstâncias externas não foram realizadas. Talvez pelo constrangimento de relatar a quantidade de atividades que ela não conseguiu realizar. Assim como na fala de Sofia, a conjunção adversativa *mas* opõe ao que a entrevistada declara anteriormente sobre o

que ela imaginava ser antes de aposentar, comprovando que o cotidiano almejado nem sempre acontecia.

Entretanto à variável “disponibilidade de tempo” foi percebida por várias entrevistadas. Enquanto exerciam as funções gerenciais, quase não sobrava tempo para outras atividades, principalmente relacionadas ao lar e a família. A aposentadoria, acompanhada da velhice, proporcionou à elas tempo disponível para atividades que antes não tinham tempo.

Agora eu faço coisas que eu não fazia, tinha vontade e **não tinha tempo**. (...) Eu tenho tempo para ler, adoro filme, então tem dia que é duas da tarde, eu termino meu serviço vou ver um filme. (LAURA)

Agora a gente tem **muito** tempo pros familiares né? Tudo o que a gente não pôde fazer, porque não tinha tempo para fazer hoje a gente quer fazer. **Quer tapar esse buraquinho**. (BEATRIZ)

É interessante que ao falar sobre a disponibilidade do tempo na velhice, Laura e Beatriz utilizam o advérbio *agora* para se referir a algo presente, que não acontecia anteriormente. Outro ponto de destaque é a expressão *tapar esse buraquinho* utilizada por Beatriz, como se estivesse concertando e se desculpendo da ausência anterior com sua família.

Os sinais do envelhecimento aparecem no discurso das entrevistadas. Percebe-se a vontade de continuar se mantendo ativas, a fim de prolongar e até mesmo retardar o fenômeno da velhice. De acordo com Fernandes e Garcia (2010) em relação ao ponto de vista de homens e mulheres separadamente do lado feminino percebe-se como problema da velhice as questões de aparência física. Percebeu-se que houve preocupação com a aparência durante as entrevistas, que foram, em maioria, realizadas na casa das próprias entrevistadas, e se mostraram maquiadas, usando saltos, jóias e acessórios associados a feminilidade e jovialidade.

Complementando o sentido de preocupação com a aparência, houve silenciamento em relação ao medo dos sinais da velhice. Em nenhum momento elas falaram sobre os sinais do corpo como o aparecimento de rugas e linhas de expressão. Pelo contrário, tentaram se mostrar ainda jovens. Nos enunciados, as entrevistadas deixam explícito esse cuidado com a aparência.

Se você fica em casa, você só fica vendo os problemas de casa entendeu? E você saindo, você tem aquela coisa, **sabe?** De se aprontar, **coisas que mulher gosta né?** De se arrumar, de se aprontar, de colocar um salto né? (BEATRIZ)

Eu fazia com minhas amigas campanhas de batom, campanha de enfeite de mulher, de brincos. E eu falava com elas que não queria ver ninguém despenteada, sem pintura, porque **é bom quando você se olha no espelho** e vê como está bem, aí você toma outro **entusiasmo**. (YASMIM)

Beatriz afirma que a preocupação de se aprontar, relacionada a beleza é coisa que mulher gosta. A entrevistada chega a interagir com a pesquisadora, que é uma mulher jovem, questionando se ela conhece e compartilha da mesma vontade de, ao sair, se arrumar e colocar um salto. Yasmim também revela o prazer de se olhar no espelho e se sentir bem quando se está arrumada, e que este fato faz com que tenha mais “entusiasmo” pela vida.

Contudo, as dores surgidas com a chegada da idade foram lembradas por duas entrevistadas. Entretanto ambas utilizaram a terceira pessoa. Não atribuíram esse signo do envelhecimento como propriamente delas e dessa maneira utilizam o advérbio de lugar *aqui*, *ali* remetendo a algo não tão muito distante, porém não tão próximo também.

E quem aposenta e fica esperando a **morte** chegar, a **aposentadoria** pesa, porque ela **vem de outra forma**, vem com uma **dor aqui, outra ali**, né? (LAURA)

Não adianta eu querer ir contra a natureza, uma hora os problemas da idade vão chegar. A senilidade, a falta de disposição, alguma doença, uma **Maria das Dores aqui, uma Maria das Dores ali**. (ALICE)

Laura revela a necessidade e justifica por que se mantém ativa ao afirmar que, se ficar parada esperando a morte, aparecem vários outros problemas, principalmente as dores. Alice, por sua vez, assume os sinais biológicos da velhice como falta de disposição e senilidade.

Entretanto, as entrevistadas recorreram a alternativas tentando adiar esses sinais do envelhecimento. Nos enunciados percebe-se que buscam da manutenção da saúde com a realização de exercícios físicos com o intuito de se manterem ativas e confirmarem sua própria existência.

Eu **me cuido**. Pra me manter ativa eu tenho minhas atividades, eu faço a **minha caminhada**, e faço RPG, eu vou ao médico uma vez por ano. Faço vários exames porque a gente tem que se **cuidar** né? (SARA)

Porque a pista para fazer caminhada é aqui, **pilates** ali em frente. Do lado aqui, eu tenho **ginástica da segunda idade**, entendeu? E estou fazendo **inglês** também que estou complementando. (BEATRIZ)

É interessante observar que Sara utiliza a expressão “me cuido”, deixando explícita a preocupação sobre a própria saúde e o próprio corpo. Nesse mesmo sentido, ela utiliza a seleção lexical *minha* atribuindo posse ao fato de exercer a atividade física de caminhada. Complementando nessa mesma linha de raciocínio, Beatriz realiza atividade física, como método de promover o alongamento e a fortificação do corpo, e estuda para cuidar da mente.

Ao realizar atividades físicas, e diversas outras tarefas como atividades voluntárias e cuidar do lar, percebem-se nos enunciados que as entrevistadas se consideram e se auto definem como ativas,

capazes de realizar outros trabalhos, e não gostam de ficar paradas. Esse fato comprova a teoria de Rodrigues e Justo (2009) sobre fenômeno da ressignificação da feminilidade na terceira idade sobre a qual não existe mais a personificação da mulher idosa com um coque no alto da cabeça, fazendo crochê ou tricô, na cadeira de balanço, na varanda de sua casa.

Eu me sinto **muito ativa**. Eu **não** consigo me ver **parada** de tudo (BEATRIZ)

Mas a idade chegou, os 60 anos e eu comecei a pensar: gente eu achava que com 60 anos eu ia estar um caco e não ‘tô’. **Me sinto bem**, gosto de dança, de rock, de música, de sair, beber cerveja, jogar baralho, trabalhar. (ALICE)

Alice demonstra se sentir bem realizando atividades cultivadas pelos jovens. Os enunciados acima vão ao encontro aos achados de Batistoni e Namba (2010), que afirmam que lidar com o fato de ser idosa e ser mulher faz com que acabem valorizando sua própria jovialidade, caracterizando-se como jovens e ativas. Em suma, essas mulheres não se consideram velhas, têm consciência de que a velhice vai chegar, e utilizam do próprio sentido do trabalho e de estratégias voltadas para a aparência, como exercícios, maquiagem e vestuário, para manterem-se jovens.

Considerações finais

Com a finalidade de compreender o significado do trabalho para mulheres maduras aposentadas que ocupavam cargos gerenciais foi realizada uma pesquisa descritiva de caráter qualitativo. Reconhecendo que o modo como cada sujeito vivencia a aposentadoria vincula-se à sua história de vida, suas interações com o mundo, experiências vividas e também está relacionada à condição espaço-temporal do indivíduo, analisou-se primeiramente a trajetória profissional e pessoal das ex-gerentes. Pode-se afirmar que cada uma das entrevistadas seguiu sua própria trajetória fazendo suas escolhas, voluntariamente ou devido às circunstâncias vividas. Aos poucos as carreiras foram tomando formas e a vida encaminhando para o ponto que se encontram atualmente. Percebeu-se que as escolhas em relação a estado civil, nível educacional e profissão possuíram grande influência na identidade dessas mulheres. Ou seja, o fato de serem aposentadas e o sentimento em relação às experiências do passado, foram determinantes para entender o significado do trabalho para elas hoje.

Em relação ao significado do trabalho houve uma tendência a aspectos positivos. O significado mais presente no discurso das entrevistadas foi o trabalho como a realização de uma atividade prazerosa. Mesmo ocupando cargos gerenciais, cargos tidos como masculinos, as ex-gerentes aposentadas não deixaram a feminilidade de lado, demonstrando ternura e docilidade ao falar da realização do trabalho. O trabalho trouxe vários significados e representações para as entrevistadas.

No entanto, ele pode ser considerado como pilar central da vida destas mulheres. Esse fato, associado ao fato estarem totalmente aposentadas das funções gerenciais fazem essas mulheres buscarem alternativas “reafirmarem” suas existências.

Associando o envelhecimento ao significado do trabalho, percebeu-se que elas criaram estratégias para retardar o envelhecimento e se sentirem ativas, capazes de realizar atividades voluntárias, cuidar do lar e praticarem exercícios físicos. O medo da morte foi silenciado pela maioria das entrevistadas. Ou seja, o trabalho (voluntário ou como cuidadora do lar) passou a significar um meio de distanciar-se da morte. Entretanto, é preciso ressaltar que não houve uma pergunta específica sobre o sentimento delas em relação a morte. Todos os enunciados sobre envelhecimento surgiram durante a própria entrevista.

Faz-se necessário ressaltar que o presente estudo não levou em consideração a divisão por faixa etária. Escolheu-se segmentar e compreender o significado do trabalho, a partir do envelhecimento, para o gênero feminino, considerando apenas mulheres que ocuparam cargos gerenciais e que atualmente não exercem nenhuma atividade gerencial. Apesar de serem percebidas redundâncias e repetições em relação ao significado do trabalho para o grupo estudado, o método utilizado restringe conclusões generalizadas. Para confirmar e até mesmo dar continuidade a linha da presente pesquisa, sugere-se fazer análise do significado do trabalho a partir da segmentação por idades e com outros grupos de trabalhadores. Também seria interessante analisar e comparar semelhanças e diferenças dos sentidos e significados do trabalho de diversos trabalhadores em diversas faixas etárias.

Referências

BATISTONI, S. T.; NAMBA, C. S.. Idade subjetiva e suas relações com o envelhecimento bem-sucedido. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 15, n. 4, p. 733-742, Dec. 2010.

BENDASSOLLI, P. F.. *Os ethos do trabalho*. Sobre a insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. *Perspectivas de crescimento para a população brasileira: velhos e novos resultados*. Rio de Janeiro: IPEA, 2009. Texto para discussão n. 1.426.

DEBERT, G. G.. Gênero e Envelhecimento. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1994.

DEBERT, G. G. Velhice e o curso da vida pós-moderno. *Revista USP*, São Paulo, n.42, jun./ago. 1999.

DEJOURS, C.. Subjetividade, trabalho e ação. *Prod.*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 27-34, Dec.2004.

- DENZIN, N. K., LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2006.
- FERNANDES, M. das G. M.; GARCIA, L. G.. O sentido da velhice para homens e mulheres idosos. *Saúde soc.*, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 771-783, Dec. 2010.
- FIGUEIREDO, M. do L. F. et al. As diferenças de gênero na velhice. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 60, n. 4, p. 422-427, Aug. 2007.
- FONTOURA, D. dos S.; DOLL, J.; OLIVEIRA, S. N.s. Aposentadoria: escolhas diferentes, caminhos divergentes. In: *ENANPAD*, 38, 2014. Rio de Janeiro: ANPAD, 2014.
- FRANÇA, L. H. F. P. Influências sociais nas atitudes dos 'Top' executivos em face da aposentadoria: um estudo transcultural. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 13, n. 1, art. 2, p. 17-35, 2009.
- FRANCA, L. H. de F. P. et al. Aposentar-se ou continuar trabalhando?: o que influencia essa decisão?. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 33, n. 3, p. 548-563, 2013.
- GUEDES, O.S.; DAROS, M.A. O cuidado como atribuição feminina: contribuições para um debate ético. *Serviço Social em Revista: Universidade Estadual de Londrina*, jul.-dez./2009.
- GUILLEMARD, A. M. “De la Retraite Mort Sociale à La Retraite Solidaire: la Retraite une Mort Sociale (1972) revisitée trenteans après” in *Gerontologie e Société*, n.º 102. Paris: FNG, p. 53-66, 2002.
- GODOI, C.K. et al (Org.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006.
- IBGE. *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015.
- KATO, É. M. O desafio da aposentadoria: o exemplo dos executivos do Brasil e da Nova Zelândia. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 13, n. 2, p. 350-350, 2009.
- KUBO, S. H.; GOUVÊA, M. A.; MANTOVANI, D. M. N. Dimensões do significado do trabalho e suas relações. *Revista Pretexto*, v. 14, n. 3, p. 28-48, 2013.
- LIMA, G. S.; CARVALHO NETO, A.; LIMA, M. S.; TANURE, B.; VERSIANI, F. O teto de vidro das executivas brasileiras. *Revista Pretexto*, v. 14, n. 4, p. 65-80, 2013.
- MARRA, A. V. *Identidade, trabalho e construção social da aposentadoria para ex-executivos*. 2013. 217f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- MARRA, A. V.; BRITO, V.G. P.. Construcionismo Social e Análise do Discurso: uma Possibilidade Teórico-Metodológica. In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2011, Rio de Janeiro. *Anais do XXXV Enanpad*, 2011.

MARRA, A. V.; BRITO, V. G. P.; OLIVEIRA, M. R. C. T.; DIAS, B. O. S. V. Imaginário, subjetividade e aposentadoria feminina. *Brazilian Business Review*, v. 8, n. 2, p. 119-137, 2011.

MARRA, A. V.; SOUZA, M. M. P.; MARQUES, A. L.; MELO, M. C. O. L. Significado do trabalho e envelhecimento. *Revista Administração em Diálogo*. Vol.15, n.2, p.103-128, 2013

MOTTA, A. B. da. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 13, p. 191-221, maio 2015.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. *Rev. adm. empres.*, vol.41, no.3, p.08-19, Set 2001.

RODRIGUES, A. P; JUSTO, J. S. A ressignificação da feminilidade na terceira idade. *Estud. interdiscipl. envelhec.* p. 169-186, 2009.

SOUZA, P. M. R. A. de. *O significado do trabalho na perspectiva de mulheres, em diferentes faixas etárias, que trabalham em empresas privadas no Rio de Janeiro*. 2014. 222f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

SOUZA, M. M. P.; CARRIERI, A. P. . A análise do discurso em estudos organizacionais. In: SOUZA, E. M.. (Org.). *Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual*. 1ed. Vitória: EDUFES, 2014, v. , p. 13-40.

TOLFO, S. da R.; PICCININI, V.. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicol. Soc.* Porto Alegre, v. 19, n. set, p. 38-46, 2007.

Texto recebido em: 22/03/2017.

Texto aprovado em: 10/09/2017.